



Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras

Politicamente incorreto:
será o mundo dos políglotas?

Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras

Atas do III Colóquio Internacional
de Línguas Estrangeiras (CILE)

Comissão editorial

Alexia Dotras Bravo

Ana Maria Alves

Cláudia Martins

Elisabete Mendes Silva

Isabel Chumbo

Dezembro 2020

Ficha técnica

Título: Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras
Atas do III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras

Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2020

Comissão editorial: Alexia Dotras Bravo *Instituto Politécnico de Bragança*
Ana Maria Alves *Instituto Politécnico de Bragança*
Cláudia Martins *Instituto Politécnico de Bragança*
Elisabete Mendes Silva *Instituto Politécnico de Bragança*
Isabel Chumbo *Instituto Politécnico de Bragança*

Capa: Soraia Maduro

Produção: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

ISBN: 978-972-745-284-2

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/22065>

Comissão científica

Alexia Dotras Bravo – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Cláudia Gonçalves – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal
Ana Cristina Mendes – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal
Ana Isabel Moniz – Universidade da Madeira, Portugal
Ana Maria Alves – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Blanca Ripoll Sintes – Universidad de Barcelona, Espanha
Carla Gomes – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal
Carlos Pazos-Justo – ILCH, Universidade do Minho, Portugal
Cláudia Martins – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Diego Santos Sánchez – Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Dominique Faria – Universidade dos Açores, Portugal
Dominique Guillemin – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Elisabete Mendes Silva – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fernando Ferreira Alves – Universidade do Minho, Portugal
Graça Bigotte Chorão – ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Isabel Chumbo – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Joana Aguiar – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
José Ignacio Vázquez Diéguez – Universidade da Beira Interior, Portugal
Luciana Cabral Bessa – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Manuel Moreira da Silva – ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Margarida Coelho – ESTG, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal
Margarida Morgado – ESE, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal
María Antonia Mezquita Fernández – Universidad de Valladolid, Espanha
María del Carmen Arau Ribeiro – Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Mark Daubney – ESECS, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Marta Saracho Arnáiz – Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria de Jesus Cabral – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal
Sofia Bergano – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Reinaldo Silva – Universidade de Aveiro, Portugal
Zaida Vila Carneiro – Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha

Comissão organizadora

Alexia Dotras Bravo

Ana Maria Alves

Cláudia Martins

Dominique Guillemin

Elisabete Mendes Silva

Isabel Chumbo

Prefácio

O III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras (CILE), realizado em outubro de 2019, cujas atas se apresentam neste volume, subordinou-se à seguinte temática: “Politicamente incorreto: será o mundo dos políglotas?”. O título do volume – Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras – representa uma extensão da sigla do Colóquio, porque surge como pertinente e representativa da abrangência deste Encontro Internacional e consentânea com os objetivos subjacentes ao mesmo. As múltiplas expressões das línguas estrangeiras assumem, por isso, uma importância incontornável no mundo atual, tendo igualmente constituído elementos de reconhecido mérito e influência.

Ao longo da história, várias línguas se assumiram como *lingua franca* pela conquista, pelo comércio e pela conversão religiosa (cf. Ostler, 2011), inevitavelmente associadas à construção de impérios. Vejam-se os exemplos do grego, latim, português, espanhol, alemão, francês e inglês. Tal evidência resultou numa uniformização linguística, cultural e política, ainda que a par destas coexistissem as línguas vernáculas.

A valorização das culturas nacionais, sob os auspícios do pluralismo cultural herderiano, ganhou novo fôlego com a recuperação de tradições e costumes, da literatura tradicional, muitas vezes de pendor regionalista (cf. Contos dos Irmãos Grimm, o Romancelheiro de Almeida Garret, Rimas y leyendas de Gustavo Adolfo Bécquer ou os Cuentos de Encantamiento de Fernán Caballero), e das variedades linguísticas consideradas exóticas. No entanto, e paradoxalmente, nasce também a noção de norma padrão ou de prestígio que faz parte do discurso das nações em processo de afirmação, ou seja, se por um lado se defendem as peculiaridades linguísticas, por outro, procura-se abafá-las para que estas sejam substituídas pelas línguas nacionais em emergência. Com o desenvolvimento do método comparativo e a descoberta das famílias das línguas (com base no seu parentesco), impõe-se também um processo de prescritivismo linguístico que só se vai paulatinamente desconstruindo durante o século XX.

Com base nestes novos princípios, começa a falar-se de línguas de prestígio (ou prestigiadas) a par de línguas minoritárias (ou menorizadas) social ou culturalmente, criando-se estigmas linguísticos que pouco favorecem o convívio transcultural e translinguístico. O prestígio inerente a determinadas variedades em nada se relaciona com categorias morais ou éticas, mas antes com a ideologia de que destas emana. No contexto atual, o inglês, como uma das últimas *lingua franca*, impõe-se nas organizações internacionais e multinacionais como a ponte linguística preferencial, sem esquecer a forte presença comercial do chinês na economia internacional. O uso de uma língua única leva-nos a questionar se esta postura não será politicamente incorreta, demasiado redutora de uma realidade por natureza multilinguística, poliédrica, transnacional e nómada. Nesta linha de pensamento, apresentamos o desafio de contrariar esta tendência monolingüística e uniformizadora, valorizando também todas as línguas e culturas sem preconceitos.

Esta foi a premissa principal que norteou o debate do III CILE, em 2019, uma vez que acreditamos que a aprendizagem de uma panóplia de línguas e culturas

estrangeiras pode abrir portas ao diálogo, ultrapassar fronteiras, tender pontes em conflitos e enriquecer culturas. No mundo atual, que afirma fronteiras e reafirma identidades para ultrapassar a desconexão e a incomunicabilidade, acreditamos no poliglotismo natural dos espaços transfronteiriços, no cosmopolitismo cultural secular e na porosidade dos mesmos, apesar da globalização tão marcada no mundo digital.

Atualmente, já não basta falar uma só língua estrangeira, a globalização, a “desterritorialização”, a “deslocação” das migrações, da diáspora e do exílio exigem que sejamos políglotas capazes de nos exprimirmos para estabelecer relações interculturais e, como afirma Edward Said (2005, p. 141), cultivar a percepção da diversidade em termos de diferentes mundos e tradições. Na visão de Aínsa (2015), somos políglotas porque todos somos estrangeiros nesta sociedade transcultural, passageiros em trânsito de um cronótopo que nos faz nômadas, errantes e mestiços num mundo em eterno presente fugaz. Os benefícios do multilinguismo são enormes para nos auxiliar a ultrapassar o fosso linguístico entre culturas. A língua deixa de ser pátria porque todas elas serão meramente temporárias (Said, 1996, p. 76). Atravessar fronteiras leva a romper barreiras de pensamento e de experiência, levando-nos a despertar para uma aprendizagem plural de línguas, para a reconquista da Torre de Babel.

No III CILE, foram propostos diversos temas e tópicos para discussão, dos quais os seguintes se encontram abrangidos nas presentes atas:

- **Os escritores políglotas**
- **A força das línguas mortas**
- **Monolinguismo vs. Plurilinguismo**
- **LE/cultura, memória e identidade**
- **Tradução e ensino das LE**

A todos os autores expressamos os nossos agradecimentos pela colaboração e disponibilidade manifestadas na publicação¹ dos seus textos.

A Comissão Editorial

Referências

- Aínsa, F. (2015). *Palabras nômadas. Nueva cartografía de la pertenencia*. Madrid-Frankfurt: Editorial Iberoamericana Vervuert.
- Ostler, N. (2011). *The Last Lingua Franca. The Rise and Fall of World Languages*. Arlington, U.S.: Adult PBS.
- Said, E. W. (1996). *Des intellectuels et du pouvoir*. Trad. Paul Chemla. Paris : Seuil.
- Said, E. W. (2005). *Humanisme et démocratie*. Trad. Christian Calliyannis. Paris: Fayard.

¹ Todos os textos foram submetidos ao processo de dupla revisão cega por pares.

Índice

Comissão científica	3
Comissão organizadora.....	4
Prefácio	5

Escritores políglotas

Eruditos políglotas: de Carolina Michaëlis a Francisco Manuel Alves e a sua relación coa cultura galega.....	11
Alexia Dotras Bravo	
Le polyglottisme pour l'ouverture des frontières Regards de Stefan Zweig et Romain Rolland	23
Ana María Alves	
When Languages and Cultures Die Every Day: Jorge de Sena's Sagacious Insight within the Framework of Portuguese American Literature	31
Reinaldo Silva	

A força das línguas mortas

Dead or Alive? A Brief Study on The Retranslation of Ancient Classics.....	53
Laura Del Valle Acevedo	

Monolingüismo versus Plurilingüismo

Quando uma língua não é suficiente: exemplos de <i>code-switching</i> na comunicação online	67
Joana Aguiar	
Plurilingüismo em Portugal: o ideal e o real.....	77
Judite Carecho	
Rute Soares	

Línguas Estrangeiras: Cultura, Memória e Identidade

Proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Contribución a partir del análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa.....	109
Carlos Pazos-Justo	
Álvaro Iriarte Sanromán	
Rebeca Castañer Berenguer	

Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras

A importância da leitura na aprendizagem de uma língua estrangeira.....	123
Filipa Raquel Veleda Santos	
“Vamos ter de voltar a aprender a ter tempo livre”: as perífrases verbais portuguesas na tradução.....	137
Judite Carecho Rute Soares	
<i>Tradução Sob Investigação: uma proposta metodológica para o ensino da tradução no contexto do ensino superior</i>	161
Fernando Ferreira Alves	
A audiodescrição nas artes performativas: caso prático no Teatro de Bragança.....	173
Joana Casca Leila Lacerda Baia Cláudia S. N. Martins	
Los marcadores discursivos en El laberinto del fauno y su traducción al chino ...	189
Xiaoran LIU	
Detalhes de Vestuário - Abordagem Terminológica à Linguagem Têxtil.....	211
Helena Silva Manuel Silva	

Proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Contribución a partir del análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa

Carlos Pazos-Justo

carlospazos@ilch.uminho.pt
Galabra-UMinho. Centro de Estudos Humanísticos
Portugal

Álvaro Iriarte Sanromán

alvaro@ilch.uminho.pt
Galabra-UMinho. Centro de Estudos Humanísticos
Portugal

Rebeca Castañer Berenguer

rcberenguer@gmail.com
Universidade de Coimbra
Portugal

Resumo

En este artículo nos proponemos realizar una primera aproximación al estudio de la proyección de la(s) cultura(s) española(s) fuera del contexto español, en este caso, Portugal y, más concretamente, Lisboa. A partir de una breve contextualización y clasificación de las entidades involucradas en la difusión de la cultura española en Portugal, centraremos nuestro análisis en las actividades culturales del Instituto Cervantes de Lisboa (ICL). Para ello, recopilamos datos referentes a 2016-2018 a partir de la página web del ICL y seleccionamos varios parámetros para clasificar cada uno de los eventos recogidos. Como trabajo futuro nos proponemos cruzar el conjunto de datos recogidos con el análisis cuantitativo de los textos retirados de la página web del ICL.

Palabras clave: Instituto Cervantes de Lisboa; diplomacia cultural; eventos culturales.

Abstract

In this paper we propose performing an initial study of the projection of the Spanish culture(s) outside the Spanish context, in this case, Portugal and, more specifically, Lisbon. From a brief contextualization and classification of the entities involved in the dissemination of Spanish culture in Portugal, we will focus our analysis on the cultural activities of the Cervantes Institute of Lisbon (ICL). To do this, we collect data referring to 2016-2018 from the ICL website and select several parameters to classify each of the events collected. As future work we intend to cross the set of data collected with the quantitative analysis of the texts removed from the ICL website.

Keywords: Cervantes Institute of Lisbon; cultural diplomacy; cultural events.

1. Introducción

En las páginas siguientes nos proponemos realizar una primera aproximación a un objeto de estudio aún no suficientemente explorado, especialmente en el ámbito portugués: la proyección de la(s) cultura(s) española(s) fuera del contexto español. En el caso luso, objeto de análisis aquí, ciertamente los trabajos publicados acerca de la trayectoria de los estudios de Español Lengua Extranjera (ELE) son indicio ya, desde una perspectiva amplia, de un recorrido académico e investigador prolífico (Ponce de León, 2014); en lo tocante a los denominados estudios ibéricos (Sáez & Pérez, 2018), se podría afirmar lo mismo, si bien su objeto de estudio ha estado dominado, de forma casi hegemónica, por los estudios literarios o históricos (Valério, 2001; Magalhães, 2007). En relación a la proyección de la cultura española, sin embargo, no nos consta una necesaria atención investigadora adaptada a las nuevas lógicas de la proyección (y recepción) exterior.

No siendo objeto de análisis aquí - anotamos ya -, no nos detendremos en el complejo, a menudo polémico, asunto acerca de las diferentes elaboraciones lingüísticas y culturales (y políticas) que, activas en el seno del Estado español, promueven sus *culturas* más allá de sus territorios.

A continuación, partiendo de una esquemática contextualización acerca de las organizaciones que actúan en Portugal, nos proponemos (i) clasificar y caracterizar la difusión cultural promovida por el Instituto Cervantes de Lisboa (en adelante ICL) durante el período 2016-2018 y (ii) proponer hipótesis para definir las líneas de fuerza de su intervención.

2. Entidades promotoras de la cultura española en Portugal

En el contexto portugués actual, podemos trazar, sin ánimo de exhaustividad, un panorama caracterizado por la intervención de varias entidades españolas (o con importantes vínculos de diversa naturaleza con España) que tienen como objetivos, no únicos en algunos casos, difundir las lenguas y culturas españolas.

En un primer momento, parece plausible establecer dos grandes grupos de entidades, las de naturaleza pública y las privadas o de carácter asociativo. Este último grupo estaría conformado por organizaciones diversas como la Fundación Ramón Areces (con importante actividad a partir de la inauguración del primer centro comercial El Corte Inglés en Lisboa), o el Centro Galego de Lisboa que fundado en 1908 mantiene una cierta actividad de tipo cultural en la capital lusa (con, es cierto, substancial apoyo público). Podríamos igualmente incluir en este grupo, aun con ciertas reservas, el Centro de Estudos de Espanhol (Oporto) o la Associação Portuguesa de Professores de Espanhol Língua Estrangeira.

El otro gran grupo estaría formado por las entidades públicas españolas que desarrollan su trabajo en suelo portugués; a su vez, podemos distinguir dos tipos: las vinculadas al gobierno del estado y las dependientes de los gobiernos autonómicos. Entre estas últimas, incluimos la red de Centros de Estudos Galegos de las universidades portuguesas (Universidade do Minho, Universidade Nova de Lisboa y

Universidade do Algarve) promovida desde la década de los noventa del siglo pasado por la Xunta de Galicia; el Gabinete de Iniciativas Transfronterizas dependiente de la Junta de Extremadura o la incierta Delegación del Govern a Portugal.

Con mayor proyección y recursos, identificamos las siguientes organizaciones dependientes del gobierno español: el Instituto Giner de los Ríos, centro educativo fundado en Lisboa de 1932, la Consejería de Educación y la Consejería de Cultura de la Embajada de España en Lisboa, Acción Cultural Exterior y, de forma destacada como intentaremos exponer más abajo, el Instituto Cervantes de Lisboa.

Más allá de las entidades mencionadas, en lo que a la proyección cultural en Portugal se refiere, cabría citar rápidamente algunos eventos que, con mayor o menor regularidad y visibilidad, contribuyen también a difundir la cultura española: Mostra Espanha, 6ª edición en 2019; los Iberian Festival Awards, 5ª edición en 2019; o el Festival Flamenco Heritage, en Lisboa. Existen aun una serie de organizaciones o eventos, como es el caso de la red asociativa Galilusofonia (fundada en el 2019), el del Premio Luso-Espanhol de Arte y Cultura (desde el 2006) u otros eventos que con cierta regularidad son promovidos por organizaciones como el Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular y cuyos objetivos pasan por establecer relaciones de diverso signo entre las comunidades culturales.

2.1. El Instituto Cervantes de Lisboa

El Instituto Cervantes es una organización pública, creada por el gobierno español en 1991. Con más de 70 sedes en todo el mundo, tiene por objetivos:

- a) Promover universalmente la enseñanza, el estudio y el uso del español y fomentar cuantas medidas y acciones contribuyan a la difusión y la mejora de la calidad de estas actividades.
- b) Contribuir a la difusión de la cultura en el exterior en coordinación con los demás órganos competentes de la Administración del Estado.
 1. En sus actividades, el Instituto Cervantes atenderá fundamentalmente al patrimonio lingüístico y cultural que es común a los países y pueblos de la comunidad hispanohablante (<https://www.cervantes.es/imagenes/File/normativa/creacion.pdf>).

Con origen en el Centro Cultural Español de Lisboa (fundado en 1991), el ICL se remonta a 1993. Sus objetivos explícitos son (cfr. Izquierdo, 2016):

Organizar los exámenes para el Diploma de Español como Lengua Extranjera (DELE), así como de expedir certificados y diplomas oficiales para los participantes en nuestros cursos

- Organizar cursos de español
 - Organizar cursos de formación para profesores de español
 - Apoyar a hispanistas en sus actividades
 - Estimular actividades culturales en colaboración con otras organizaciones
- El trabajo del Instituto Cervantes está dirigido por representantes del mundo académico, cultural y literario del ámbito español e hispanoamericano (https://lisboa.cervantes.es/es/sobre_nosotros_espanol.htm).

En la página web del ICL, se señala en relación a la difusión cultural:

Además de ofrecer cursos generales y especializados de lengua española, el Instituto Cervantes tiene como objetivo difundir la cultura española e hispanoamericana en sus más diversas vertientes.

Así el Instituto Cervantes de Lisboa presenta un programa cultural que comprende música, teatro, exposiciones, cine, danza, conferencias y encuentros para el público en general.

La actividad cultural del Instituto pretende potenciar y consolidar los lazos existentes entre las culturas ibéricas. En la elaboración de la programación, el Instituto colabora con diversas entidades culturales, empresas, instituciones y organismos públicos y privados españoles e iberoamericanos. El Instituto Cervantes de Lisboa es también un lugar de encuentro para personalidades de referencia en las más diversas áreas de las culturas hispánica y portuguesa. (https://lisboa.cervantes.es/es/cultura_espanol/cultura_espanol.htm).

En función de los objetivos trazados, es necesario referir que, como recoge el propio Instituto Cervantes en su página web, su misión está de alguna forma condicionada por: “La Acción Exterior en materia de cultura facilitará la defensa, promoción y difusión de las culturas de las nacionalidades y regiones que integran la nación española, en el marco previsto en el artículo 149.2 de la Constitución Española”.⁴⁸

3. Marco teórico y metodológico

Para un análisis del papel de difusor cultural del Instituto Cervantes y, específicamente, del ICL, es preciso tener presente la impronta que las lenguas y culturas juegan internacionalmente en la proyección exterior de los estados (o comunidades culturales, en su caso) en varias dimensiones. En este sentido, cabe referir el creciente entendimiento de las lenguas y culturas – particularmente en el caso español – como factores de desarrollo con fuerte dimensión económica (Valle & Villa, 2007; UNESCO, 1998), lo cual se plasma, como consecuencia más evidente, en un creciente interés de los estados – con relevancia para el caso español – en esta dirección. Además, como apuntaba, no sin importantes dudas, Javier Noya, a inicios del siglo XX, en los “últimos tiempos en España se ha consolidado y extendido la idea de que la hegemonía de España, sin poder ser una superpotencia militar, y con un potencial económico todavía por debajo de sus máximos, podría desplegarse en el aspecto cultural” (Noya, 2002, p. 89).

La creación y desarrollo del Instituto Cervantes, desde 1991 - con significativo retraso en relación a sus homólogos Goethe Institut o British Council (Noya, 2002, p. 41) -, es un indicio relevante de que los “poderes públicos han tomado conciencia de que [...] lengua y cultura son claves para nuestra [de España] imagen exterior” (Noya, 2003, p. 7); desde su creación, el Instituto Cervantes se ha consolidado como

⁴⁸ “Ley 2/2014, de 25 de marzo, de la Acción y del Servicio Exterior del Estado (preceptos más relacionados con el Instituto Cervantes)”, como consta en la página web del Instituto Cervantes (<https://www.cervantes.es/imagenes/File/normativa/servicio.pdf>).

uno de los “buques insignia” de la proyección exterior de España (Noya, 2003, p. 7; Vázquez, 2011). Además de configurarse, junto a la Real Academia Española, como una de las agencias centrales en la proyección de la *hispanofonía*, ideología lingüística identificada y analizada por José del Valle (2007)⁴⁹, el Instituto Cervantes es hoy uno de ejes principales de la denominada diplomacia cultural española - también llamada *poder blando* - (Delgado, 2014; Martín & Rius, 2016; Prieto-Gutiérrez & Rubio 2018; Menéndez, 2018); entendida esta, por ejemplo, como “el intercambio de ideas, información, arte y otros aspectos de la cultura entre las naciones y sus pueblos para fomentar el entendimiento mutuo” (Milton Cummings *apud* Saddiki, 2009, p. 109), ocupa un importante y creciente lugar en las relaciones internacionales actuales.

Para el análisis del caso español, parece ineludible considerar también la existencia, en relación a la proyección cultural exterior, de diversos actores institucionales cuyo resultado es la existencia de una paradiplomacia cultural; el origen de ésta se relaciona con la actividad de diversas organizaciones subestatales, típicamente comunidades autónomas, como por ejemplo la desarrollada por el Instituto Ramon Llull. Con carácter general Martín & Rius (2016, p. 148; *cfr.* Menéndez, 2018, p. 44), señalan:

actualmente no se observa un sistema federal de política cultural exterior en la relación AGE-CAC, en el que podrían articularse, de diversos modos, los intereses y procedimientos estatales y subestatales. En su lugar se evidencia el desarrollo de proyectos paralelos en cuanto a la administración de recursos y a los procesos de promoción cultural, un esquema con articulaciones legales en tensión y colaboraciones y diálogos institucionales momentáneos y no sistematizados.

3.1. Corpus: “actividades culturales” del ICL (2016-2018)

Teniendo presente otros trabajos de objetivos parcialmente similares (especialmente: Vázquez, 2011; Puebla et al., 2013; y Ettahri, 2015) hemos construido un corpus a partir del archivo en línea del ICL (https://lisboa.cervantes.es/pt/cultura_espanhol/cultura_espanhol.htm). Como se puede apreciar en la figura 1, en la página web del ICL es posible consultar el conjunto de “actividades culturales” (co)organizadas por el ICL desde el año 2004 hasta la actualidad. Con regular sistematicidad, de cada evento se ofrece la siguiente información: fecha y lugar, título y descripción sumaria de la actividad y entidades involucradas en la organización

⁴⁹ En su propuesta de análisis de *hispanofonía*, el autor refiere cuatro elementos centrales: (i) “*lengua de encuentro*”, el español se promueve como instrumento de comunicación que “posibilita un diálogo y una convivencia armónica propios, aparentemente, de una patria común” (p. 41); como (ii) “*lengua universal*” se destaca su presencia en Brasil y EE.UU, principalmente; la lengua española como (iii) “*recurso económico*”; y, contrariamente al “*particularismo reaccionario*” asociado al catalán, gallego y euskera, la (iv) idea del español como lengua distante de las “*premisas del nacionalismo lingüístico*” (p. 46) pan-hispánico. Según José del Valle, estos *ideologemas* conformadores de la *hispanofonía* fundamentan, en la práctica, la política lingüística del español en diversos contextos: en el Estado español frente a los discursos propios de las lenguas *minoritarias*; en la comunidad de hispanohablantes al legitimar la centralidad española; y, también, en los competitivos mercados lingüísticos internacionales frente a lenguas como el francés.

(generalmente, “entidades organizadoras” y, en su caso, “entidades colaboradoras” o “entidades patrocinadoras”).



Figura 1: Actividades culturales del ICL, 2016

Fuente: https://lisboa.cervantes.es/pt/cultura_espanhol/historico_atividades_culturais_2016.shtm
(captura, 30/01/2020)

De este modo, el corpus de este análisis se nutre del conjunto de actividades que constan en la página web del ICL, que suman un total de 127 para el período 2016-2018 (vid. tabla 1).

2016	2017	2018
34 eventos	40 eventos	44 eventos

Tabla 1: Número de actividades culturales del ICL en el período 2016-2018

Fuente: elaboración propia

No se discute aquí, por otro lado, el carácter cultural (y, por extensión, la idea de *cultura*, siempre compleja; cfr. Jiménez-Ramírez, 2018) de los eventos; a efectos de delimitación del corpus, se asume el criterio del ICL que ha clasificado este conjunto de eventos como “culturales”.

En función de la información disponible, para clasificar cada uno de los eventos hemos definido los siguientes parámetros:

- Título del evento
- Fecha
- Localización
- Entidades organizadoras
- Personas protagonistas
- Cultura
- Dominio cultural
- Observaciones

De estos parámetros, los 3 últimos introducen un análisis cualitativo. En relación al parámetro *cultura*, hemos pretendido, a partir de la información que consta en línea, identificar cuál o cuáles son las comunidades culturales involucradas en cada uno de los eventos: por ejemplo, cultura española, mexicana o catalana. Esta opción no está exenta de inconvenientes pues en numerosos casos no resulta fácil asociar los eventos a una cultura concreta; en todo caso, nos parece que esta opción podrá ser operativa para esta primera aproximación al objeto de estudio.

En relación a la temática cultural (no hemos considerado como relevante el tipo de evento, i.e., si se trata de una exposición, proyección cinematográfica o conferencia, por ejemplo), hemos recurrido a los “dominios culturales” definidos por la UNESCO (vid. figura 2). Como en el caso anterior, vincular cada uno de los eventos a un único dominio cultural no es una tarea sencilla; en función de los objetivos definidos aquí, entendemos, sin embargo, que este procedimiento, al priorizar el contenido cultural antes que la forma de cada actividad (tal como sugiere UNESCO, 2009), nos permite hacer un análisis temático, para el conjunto de los eventos, suficientemente sólido.

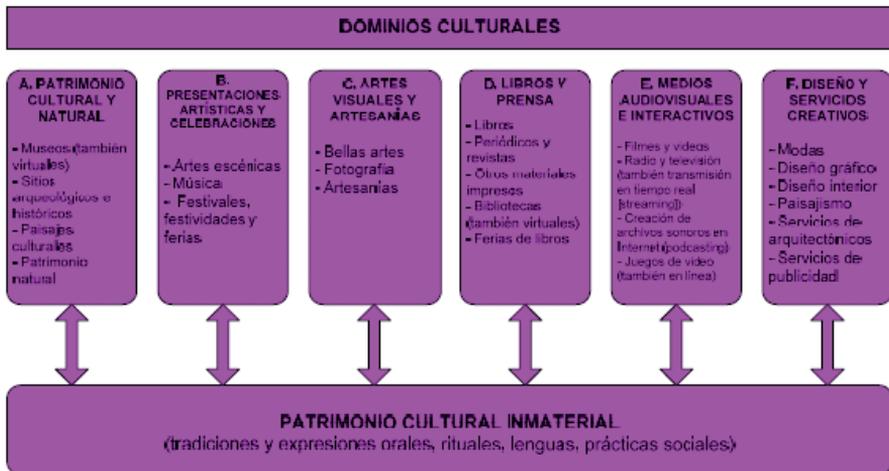


Figura 2: Dominios culturales de la UNESCO

Fuente: UNESCO, 2009: 24

4. Análisis de las actividades culturales del ICL (2016-2018)

De los 8 parámetros anteriormente definidos, en función de los objetivos trazados, analizaremos más abajo los siguientes: localización, entidad organizadora, dominios culturales y cultura.

En relación al primero, localización, como se refleja en la figura 1, cerca del 70% de los eventos de 2016-2018 tuvieron lugar en las instalaciones del ICL. Agrupados, casi el 90% se desarrollaron en la capital portuguesa. Fuera de Lisboa, se destaca Évora con 8 eventos (donde el ICL organizó diversos eventos en colaboración con el Cineclub de la Universidade de Évora); a distancia Mafra (2); y con 1 evento: Estoril, Vila Real, Vila do Conde, Oporto y Óbidos.

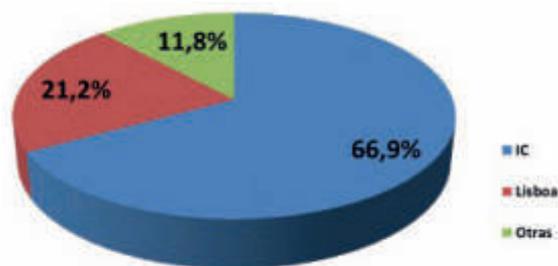


Figura 3: Localización de los eventos

Fuente: elaboración propia

La organización de los eventos (*vide* figura 4) fue en un 72,5% responsabilidad del ICL junto con otras entidades; de las cuales, en 44 eventos se trató de entidades no locales. Entre ellas destacan entidades españolas vinculadas a la diplomacia cultural estatal (IV Centenario de la muerte de Cervantes, la Consejería de Cultura de la Embajada de España o Acción Cultural Española). En términos de paradiplomacia subestatal hemos identificado la colaboración organizadora de la Junta de Extremadura (en 4 eventos) y el Gobierno de Cantabria (en 1 evento). Por otro lado, son numéricamente significativas las coorganizaciones con entidades estatales del ámbito de América Latina (Asociación Caribeña de Cuba, 8; Embajada de México, 2; Embajada República Dominicana, 4; y Gobierno de Argentina, 2).

En poco más del 20% de los eventos el ICL consta como la única entidad organizadora; y en algo más del 6% el evento fue organizado por otra entidad diferente, constandingo el ICL como entidad colaboradora.

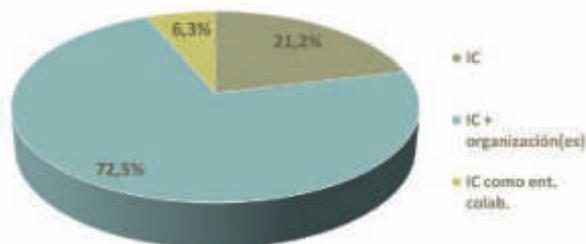


Figura 4: Entidades organizadoras

Fuente: elaboración propia

El dominio cultural con más eventos, a mucha distancia, es el denominado Medios audiovisuales e interactivos (50,3%), lo cual se debe a los numerosos eventos relacionados con el cine (*vid.* figura 5). Con 19,5%, bajo la denominación Libros y prensa, se encuentran mayoritariamente eventos vinculados genéricamente a la literatura y con un 11,2% las Presentaciones artísticas y celebraciones, en su mayoría eventos alrededor de la música.

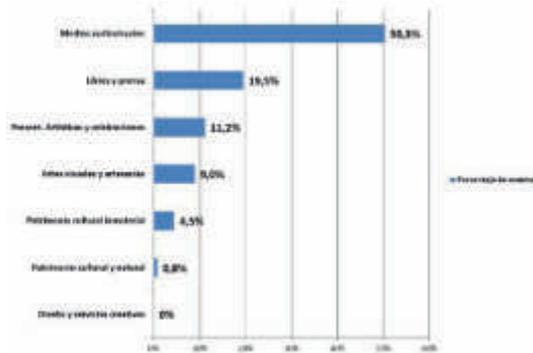


Figura 5: Dominios culturales

Fuente: elaboración propia

En la figura 6, se puede observar la hegemonía de la cultura española en los eventos considerados (8 de cada 10 eventos, casi). Con números totales bastante inferiores, aparece la cultura local, la portuguesa (en 16 eventos); a continuación, destacan culturas del espacio latinoamericano (Cuba, Argentina, etc.). Es significativo, no obstante, que para el caso de varios eventos es posible identificar las culturas vasca (6), catalana (3) y gallega (2).

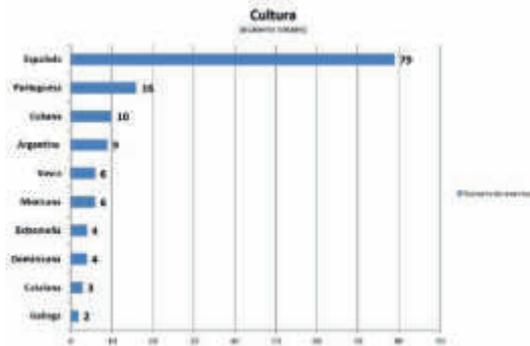


Figura 6: Cultura

Fuente: elaboración propia

Agrupados, los resultados son estos: eventos cuyo marco o temática cultural es la cultura española, 51,6 %; latinoamericana, 24,8%; subestatal (catalana, gallega y vasca), 9,8; otras, 13,7%.

5. Conclusiones

Exponemos a continuación las conclusiones provisionales de un trabajo en curso, conscientes de las limitaciones de la metodología aplicada que esperamos mejorar substantivamente utilizando herramientas para el análisis cuantitativo de textos, para el análisis estadístico y para la visualización de datos (como Iramuteq, Linguakit y R).

Además de la dimensión cultural, y fundamentalmente, el ICL dispone de una amplia oferta educativa de cursos de español; también, aunque en menor número, de cursos de evidente orientación cultural (por ejemplo, Curso de literatura española y latinoamericana). Según se indica en la información en línea del ICL, “el Instituto Cervantes ofrece cursos en las otras lenguas oficiales existentes en España (catalán, gallego y vasco) si hubiera alumnos suficientes para formar grupos” (https://lisboa.cervantes.es/es/cursos_espanol/estudiantes_espanol/preguntas_mas_frecuentes_espanol.htm). Para el período en análisis, no nos consta, sin embargo, que hayan funcionado efectivamente cursos de catalán, gallego o vasco.

En relación al papel de difusor cultural del ICL, es destacable, en primer lugar, la escasa penetración en el conjunto del territorio portugués. Como se ha señalado, cerca del 90% de los eventos tuvieron lugar en la capital lusa; de los que casi el 70% se desarrollaron en las instalaciones del ICL. Los eventos desarrollados en otras ciudades son, por lo general, fruto de colaboraciones puntuales con otras organizaciones locales. Cabría así deducir que una de las líneas de fuerza del papel del ICL en términos de diplomacia cultural pasa por centrar sus esfuerzos en la capital lusa (homologándose, de alguna forma, con las inercias centralistas en términos culturales, y otros, de Portugal).

El análisis de las entidades involucradas en la organización de los eventos refleja una notable capacidad para promover eventos en colaboración (el 72,5% de los eventos fueron coorganizados); traduce, a su vez, una línea de actuación interesada en establecer contactos con otras organizaciones. De este modo, parece evidente que una de las estrategias del ICL es asociarse a otras organizaciones locales, o no, para así obtener mejores resultados y, entendemos, mayor penetración en el campo cultural lisboeta. Por otro lado, cabe resaltar la significativa presencia de entidades del espacio latinoamericano, lo cual está directamente en línea con los grandes objetivos del Instituto Cervantes (*cfr. supra*). A la luz de los resultados, la colaboración con entidades subestatales no parece ser una de las prioridades del ICL en materia cultural; es significativa, en esta dirección, la no existencia de eventos en colaboración con organizaciones catalanas, vascas o gallegas.

La tipología de los eventos respecto a la temática cultural, muestra un predominio claro del cine y, a bastante distancia, la literatura y la música. En función de la naturaleza del ICL, es destacable el escaso número de eventos culturales cuyo eje temático sea la lengua o el relativamente reducido número dedicados a la literatura. Aunque es necesario profundizar en el análisis, parece manifestarse aquí un interés por abordar la cultura más allá de los productos culturales – tal vez - más clásicos e incorporar productos e productores que añaden – tal vez – cierta idea de *modernidad* o *contemporaneidad* a la programación cultural del ICL.

Por último, el análisis del conjunto de los eventos refleja la centralidad de la cultura española, que sumada a las del espacio latinoamericano supone casi el 80% de los eventos. Una vez más, se aprecia la dimensión latinoamericana (*hispanoamericana*, a menudo, en los discursos públicos del Instituto Cervantes) como una de las líneas de fuerza de la difusión del ICL (en evidente sintonía con los objetivos explícitos del Instituto Cervantes). Además de esta clara orientación, cabría aún hipotetizar que, en

términos generales, la proyección exterior de las otras culturas (y lenguas) españolas no forma parte de las líneas estratégicas del ICL.

Bibliografía

- Delgado, L. (2014). Un siglo de diplomacia cultural española: de la Junta para Ampliación de Estudios al Instituto Cervantes. Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos, DT 12/2014, 9 de octubre de 2014. Recuperado de http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/riecano_es/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_es/zonas_es/lengua+y+cultura/dt12-2014-delgado-siglo-de-diplomacia-cultural-espanola (15-01-2020).
- Ettahri, A. (2015). La difusión de la cultura española en Marruecos a través de los institutos Cervantes. *Perspectivas de la Comunicación*, 8(1), 57-78.
- Izquierdo, S. (2016). La actualidad de los estudios de español en Portugal. In Susana Rocha Relva, Rikki Morgan Tamosunas & Maria Gómez Bedoya (Eds.), *Association for Contemporary Iberian Studies. Iberians Interconnections* (pp. 6-21). Porto: Universidade Católica Editora.
- Jiménez-Ramírez, J. (2018). *La enseñanza de cultura*. Madrid: ARCO/LIBROS.
- Magalhães, G. (coord.) (2007). *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até a actualidade*. Covilhã/Salamanca: UBI/Celya.
- Martín, M. & Rius, J. (2016). ¿La diplomacia cultural, una política de Estado? Articulación y descoordinación intergubernamental en la acción cultural exterior del Estado español. *REAF*, 24, 115-154.
- Menéndez, M.ª E. (2018). Diplomacia cultural: aproximación al concepto, y apuntes sobre el modelo de diplomacia cultural en España. *Culturas. Revista de Gestión Cultural*, 5(2), 29-48. Recuperado de <https://polipapers.upv.es/index.php/cs/article/view/10816> (15-01-2020).
- Noya, J. (2002). *La imagen de España en el exterior. Estado de la cuestión*. [Madrid:] Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos. Recuperado de http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/1c9cbb004f0195cd88d6ec3170baead1/Noya_Imagen_Espana_Exterior.pdf?MOD=AJPERES (15-01-2020).
- Noya, J. (2003). *Luces y sombras de la acción cultural exterior. Imagen de España*. Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/42965062.pdf> (15-01-2020).
- Ponce de León, R. (2014). El hispanismo en Portugal: itinerarios del pasado, del presente, del futuro. In Instituto Cervantes (Ed.), *El español en el mundo. Anuario del Instituto Cervantes* (pp. 151-166). Madrid: Instituto Cervantes.
- Prieto-Gutiérrez, J. J. & Rubio, R. (2018). Comunicación cultural de masas. El caso del Instituto Cervantes y su diplomacia digital a través de Twitter. *Communication & Society*, 31(3), 239-259. Recuperado de <http://dadun.unav.edu/handle/10171/55793> (15.01.2020).
- Puebla, B., Asensio, G. & Prieto, Pablo (2013). Los eventos del Instituto Cervantes y su influencia en la creación y difusión de la marca España. El caso del Instituto

- Cervantes de Chicago. *Redmarka: revista académica de marketing aplicado*, 11, 35-62. Recuperado de <http://www.cienciared.com.ar/ra/revista.php?wid=39&articulo=1830&tipo=&eid=22&sid=195&NombreSeccion=Articulos&Accion=Completo> (15-01-2020).
- Saddiki, S. (2009). El papel de la diplomacia cultural en las relaciones internacionales. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, 88, 107-118. Recuperado de https://www.cidob.org/es/articulos/revista_cidob_d_afers_internacionals/88/el_papel_de_la_diplomacia_cultural_en_las_relaciones_internacionales (15-01-2020).
- Sáez, A. & Pérez S. (2018). *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)*. Albolote: Editorial Comares.
- UNESCO (1998). *Proyecto de Plan de Acción de Políticas Culturales para el Desarrollo*. Recuperado de https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116393_spa (15-01-2020).
- UNESCO (2009). *Marco de estadísticas culturales (MEC) de la UNESCO 2009*. UNESCO. Recuperado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000191063> (15-01-2020).
- Valério, N. (2001). Estudos sobre Espanha em Portugal na última década do século XX. In Hipólito de la Torre Gómez & António José Telo (Coords.), *La mirada del otro. Percepciones luso-españolas desde la historia* (pp. 205-213). Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- Valle, J. del (2007). La lengua, patria común la “hispanofonía” y el nacionalismo panhispánico. In José del Valle (Ed.), *La lengua, ¿patria común?: Ideas e ideologías del español* (pp. 31-56). Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuet.
- Valle, J. del & Villa, L. (2007). La lengua como recurso económico: Español S.A. y sus operaciones en Brasil. En José del Valle (ed.), *La lengua, ¿patria común?: Ideas e ideologías del español* (pp. 97-127). Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuet.
- Vázquez, A. (2011). Acción Cultural de España: el Instituto Cervantes en Marruecos. *NOVUM. Revista de Ciencias Sociales Aplicadas*, 1, 55-70. Recuperado de <https://revistas.unal.edu.co/index.php/novum/article/view/45626> (15-01-2020).